S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 13 de novembro de 1909 — ANNO IV — NUMERO 5

Assignaturas para o Brazil
Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
Anno . . . . 15$000
Semestre . . . . 8$000

Pagamento adiantado

Fundador: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Apparece aos sabbados

NÃO RECUAR!

Nesta, que iniciamos, dignificante e meritoria tarefa de combater sem tregoas e sem quartel o polvo monstruoso do clericalismo acanalhado, pervertido e corrupto; nesta que, sem medir sacrificios, sem olhar a perigos, vamos cumprindo, missão elevada que não se curva a baldões, que não se amolga pela calumnia, que não se detem diante dos doestos e dos apodos, — é nossa divisa, nosso gonfalão distendido, a ruflar, aos ventos, nosso compromisso solenne — este: não recuar!

E não recuaremos, que sobrada energia nos emprestam os povos que até hoje têm soffrido o dominio sinistro dos roupetas.

Contemplando os— alento novo nos anima!

Vemos, num rapido volver d'olhos retrospectivo, as cruzadas, que despovoaram a Europa dos homens aptos ao trabalho; as perseguições sangrentas aos hussistas da Bohemia; a matança dos waldenses e albigenses; a ruina e a desolação pelo velho continente inteiro; — e o exterminio dos huguenotes, e as fogueiras da inquisição, e a resistencia estupida á sciencia nascente.

O deboche e a saturnal do clero em Roma, onde os papas ébrios, luxuriosos, incestuosos e lubricos imperavam; a riqueza dos conventos a contrastar com a miseria do povo espoliado; a mentira e a hypocrisia a ajudarem a catechisar povos incultos, eis o que nos é dado ver. Em dias que correm, ainda aos primeiros alvores do seculo XX, cujo inicio os povos celebraram em harmonica e sincera alegria, o monstro clerical, o envenenador da consciencia popular, o escravisador do pensamento, tenta a revolta na França, forja intrigas na Italia, infelicita Portugal, onde os reis são fieis mandatarios seus, predomina na Hespanha e ali dirige as carabinas dos soldados e o garrote do carrasco...

Depois, é o avanço formidavel á America, exhuberante de seiva, fadada a agasalhar em suas florestas enormes a liberdade que os povos entrevêm como um iris que se côa, de quando em quando, pelos nimbos temerosos; e aqui se implantam os corvos no Chile, na Argentina, no Brazil, por toda a parte, emfim, como aves do mal, que a tempestade, açoutando-as, dispersou as pelo orbe para espalharem a miseria, o pranto e a tristeza. E aqui elles querem imperar; querem reconstruir a sua Roma de peccados e escandalo; querem despojar o povo arrancando-lhe os minguados ganhos para erguerem faustosos palacios que agasalhem sua opulencia, escondam seus vicios e abafem, com as paredes espessas, o ruido dos banquetes e bacchanaes; querem explorar o povo para construirem conventos, onde possam continuar sua nefasta tarefa de embrutecimento de moças chloroticas e de moços neurasthenicos; e, emfim, querem escolas onde incutir possam, nos cerebros infantis, os absurdos que hão de fazer, mais tarde, monstros vorazes...

Numa palavra, elles querem a ruina e a desgraça dos paizes onde se implantam. Elles, os abutres do clero, trabalham para a completa ruina do Brazil.

Até hoje, nem um só paiz onde o clero tem dominado prosperou. Todos se têm tornado decadentes e só poderão se refazer quando varrerem de seu solo essa immunda escoria.

Expulsal-o é sanear, é purificar, é progredir. Porque o padre, vagabundo incorrigivel, não só timbra em trazer o povo ignorante para melhor o illudir, como explora o trabalho de milhares de crianças e mulheres, que elle reduziu á miseria, fazendo concorrencia á industria do paiz. Por todos os modos, empregando todos os meios, lançando mão de todos os recursos, elle se locupleta, vivendo como porco na mandriice criminosa e forjando crimes que executa cynicamente, perversamente.

Não recuar!

Sim, não recuaremos e a todos os correligionarios, a todos os homens livres, a todos os que têm esclarecida consciencia endereçamos o nosso brado de alerta!...

Não recuaremos no combate aos algozes da humanidade, porque a Razão e a Justiça são por nós e para o futuro os nossos esforços.

A renovação da Escola

«Procederemos por gradações lentas, convencidos de que a escola se transformará á proporção das nossas descobertas, pela força mesma das coisas. Se nos perguntais quaes são as nossas esperanças de homens, estamos de accordo comvosco para prever uma evolução no sentido de uma larga emancipação da criança e da humanidade pela sciencia, mas ainda nesse caso estamos persuadidos que a nossa obra prosegue toda com esse escopo e o alcançará pelas vias mais rapidas e directas.»

Este raciocinio é evidentemente logico e ninguem ousaria contradizel-o.

E no entanto nelle entra uma boa parte de illusão. Sim, si os dirigentes tivessem, como homens, as mesmas idéas que os reformadores benevolos, si tivessem realmente a preoccupação de uma reorganisação continua da sociedade no sentido do desapparecimento progressivo das servidões, poderiamos reconhecer que bastariam os esforços da sciencia para melhorar a sorte dos povos. Mas estamos longe disso.

Demasiadamente sabemos que os que entre si disputam o poder só têm em mira a defesa dos interesses proprios e só tratam de vencer por si proprios e para satisfação dos seus appetites. Ha muito tempo que deixamos de prestar fé ás palavras com que elles mascaram as suas ambições; alguns ingenuos recusam ainda admittir que não haja nelles, assim mesmo, um pouco de sinceridade e imaginam que elles querem tambem, ás vezes, a felicidade de seus semelhantes; mas esses são cada vez mais raros e o positivismo do seculo torna-se por demais cruel para que alguem possa ainda illudir-se quanto ás verdadeiras intenções dos que nos governam.

FRANCISCO FERRER.

(Continúa).

A opinião da «Guerra Social»

«O burguez rico poderia viver tranquillo e feliz; poderia consagrar a sua fortuna a crapulosas orgias; poderia, como tantos outros, ser deputado e, traindo os seus eleitores, chegar a ministro; poderia prégar aos pobres a resignação, a serenidade, a reconciliação das classes do alto de uma tribuna official, saudado em conjuncto por generaes cheios de galões e magistrados cheios de arminhos.

Preferiu consagrar o seu tempo, a sua intelligencia, a sua fortuna a emancipar os seus irmãos do proletariado, sem lhes pedir qualquer recompensa.

O resultado foi... doze balas no corpo.»



A voz do innocente

Carcel Celular—Barcelona—10-10-1909.

Sr. Director da *España Nueva*

Madrid.

Meu caro senhor:

Confirmo as minhas ultimas cartas.

Escrevo-lhe hoje para protestar contra as anomalias e procedimento empregados no meu processo pelo juiz instructor.

Começarei por dizer, que em logar de empregar um mez em busca da minha culpabilidade e perder tempo, pois não encontrou prova nenhuma, não podendo considerar como provas umas declarações de cinco ou seis republicanos, que dizem suppor, crer ou pensar que eu era protector da "Solidariedade Operaria„ e que, por conseguinte, "devia ser„ o chefe da rebellião, tivesse empregado sómente dois dias em busca da minha innocencia, segundo pedi na minha primeira declaração, não teria havido processo e ter-se-ia evitado o escandalo que em descredito da Hespanha se está dando por toda a Europa civilisada.

Se ao menos o juiz tivesse feito ambas as coisas ao mesmo tempo; se buscando provas da minha culpabilidade as tivesse procurado tambem da minha innocencia, ter-se-ia inteirado, pela participações dos policias que me seguiam quando de Mongat vinha a Barcelona, de que só poucas horas passava aqui e que as empregava em ir á minha livraria editora ou em visitas a outras livrarias, nunca tomando carros para que os espiões não julgassem que eu desejava fazer-lhes perder a pista, com excepção do dia em que se enterrou a minha sobrinha, pois tinha pressa e levava embrulhos.

Poderia o juiz ter-se inteirado que durante as cinco ou seis semanas que estive em Mongat, li cinco livros e a maior parte de um sexto que de Londres havia trazido, e que, com as notações que lhe punha, pois penso fazer traduzil-os em castelhano e edital-os por se tratar nelles da moral que se ha de ensinar nas Escolas, digo que o trabalho que tal leitura e a annotação representa, tendo em conta que não leio muito correntemente o inglez, não podia effectual-o um homem que preparasse greves ou rebelliões.

Sobretudo que, examinados aquelles livros, chegar-se-ia ao conhecimento de que quem deseja imprimir taes obras não póde ter fé na efficacia de rebelliões nem revoluções feitas por pessoas inconscientes.

Queixo-me tambem de me terem accusado de uma operação de credito feita nesta praça com a succursal do Banco de Hespanha, dizendo se que nos meados de agosto intentei retirar os valores penhorados: não é verdade; pelo contrario, quiz renovar o credito em 17 de agosto, como costumava fazer todos os trimestres, e se o juiz quizesse, poder-se-ia inteirar de que, sendo o credito de 90.000 pesetas e não tendo gasto eu mais de umas setenta mil, me era facil retirar do banco ou fazer retirar por segunda pessoa, durante o dia 26 de julho em que estive em Barcelona, dias ou semanas antes desta data ou durante a ultima semana de julho, ou ainda durante a primeira semana de agosto, repito, podia fazer retirar as 20.000 pesetas que estavam á minha disposição.

Qual seria o chefe ou autor de rebellião que o não teria feito?

Porém o juiz não se occupou da minha innocencia. O juiz só tinha o afan de buscar culpar-me, e fez até ao fim quanto pôde para que se me considerasse culpado.

Como prova da sua má vontade basta o facto de me haver difficultado, desde o dia em que me foi levantada a incommunicabilidade, a leitura dos jornaes do mez de setembro, que todos os dias reclamava com insistencia, para poder inteirar-me do que a meu respeito se dizia.

Até ao dia 6, isto é tres dias sómente antes do Conselho de Guerra, não recebi as collecções pedidas.

Então não tinha tempo para fazer rectificar as injurias propaladas pela imprensa clerical e amiga do governo, e desta maneira se conservou o ambiente adverso para mim até ao proprio momento de terem de julgar-me.

De todas as injurias propaladas pela imprensa não quero occupar-me das que se referem á ultima semana de julho, porque ficam desmentidas pelos proprios autos, lidos serenamente.

Ha, porém, duas referentes a factos anteriores, de que considero um dever pedir a rectificação, supplicando a *El Correo Catalan*, *La Veu de Catalunya*, ao *A B C*, de Madrid e a *El Castellano*, de Burgos, que são os unicos diarios que chegam á minha vista, tenham por bem inserir a minha rectificação no mesmo logar onde deram a noticia, não lhes fazendo directamente o pedido por falta material de tempo.

As duas noticias que desejo rectificar são: uma, a da nossa passagem em Ronda, e a outra sobre o testamento da senhora Meunié.

Quanto a Ronda, direi, com verdade e em honra daquelles habitantes, que ninguem nos disse a menor palavra offensiva nem fez o menor gesto contra nós. No começo daquella viagem, quando tres ou quatro dias depois me inteirei da falsa noticia publicada por *La Epoca*, de Madrid, mandei telegrammas desmentindo-a; mas pelo vista publicam sómente o que lhes agrada.

Emquanto ao testamento da senhora Ernestina Meunié, da qual sómente publicaram dois paragraphos e muitos commentarios, apresentando-me como um traidor, depois de ter enganado a minha alumna, devo pedir para se publicar o que a seguir digo, para que as coisas fiquem no logar que lhes corresponde:

A minha alumna não ignorava as minhas idéas e foi graças ao processo Dreyfus que tive occasião de lhe fazer mudar as suas.

De catholica e praticante que era antes, chegou a ser o que se verá a seguir, uma indifferente, ainda que desejosa de instruir-se sempre em busca da verdade; porém, perdida já a fé céga que antes tinha em tudo o que da Igreja vinha. Como prova do meu engano copiam do testamento este paragrapho:

"Desejo morrer no seio da minha Santa Madre Igreja. O meu enterro será simples e religioso, e da importancia liquida que se encontre por meu fallecimento empregar-se-á a quantia de tres mil (3.000) francos em dizer missas (de preferencia em França) pelo repouso de minha alma e pelo de minha querida mãe. O meu corpo deverá repousar no cemiterio de Montmartre.„

Nada mais.

Mas eu posso ajuntar que essa pessoa que, por uma debilidade moral muito comprehensivel não se atreve a pôr em seu testamento que deseja ser enterrada civilmente, deixa sómente 3.000 francos para dizer missas, mas por "uma só vez„, ao passo que no mesmo testamento ha uma dadiva de uma renda de 4.000 (quatro mil) francos "annuaes„ ao Conservatorio de Musica de Paris, para que nos exames de cada anno, na secção de harpa, se dê á alumna que obtenha o primeiro premio, um instrumento daquelle preço.

Outra doação ha de uma renda "annual„ de mil francos a um sr. Troili, esculptor italiano.

Outra doação de uma renda "annual„ de mil francos a favor da sua professora, cujo nome esqueci.

Outra doação, e esta foi citada pelos referidos diarios, em meu favor, de uma casa em Paris, que rendia "annualmente„ uns 18.000 (dezoito mil) francos.

E, por fim, faz herdeiro universal o seu administrador, e não deixa nem um franco sequer, nem por uma só vez, nem annual, a nenhuma das communidades religiosas que desde o tempo em que sua mãe era viva subvencionara em Paris, e de tudo isto póde dar testemunho, se o quizer, o dito administrador sr. Copola. Que significa isto?

Ainda ha mais. Na correspondencia trocada entre a sra. Meunié e eu, durante varios annos, se poderá ver como assistia com a sra. Bonnard e commigo a reuniões brancas, maçonicas, socialistas revolucionarias e de livres pensadores e a má impressão que teve um dia que a convidei a irmos a um banquete de São Felippe, como lhe chamavam os realistas francezes, e que celebram cada anno em Pariz os partidarios do pretendente á corôa de França, duque de Orleans. Envergonhou-se de ter sido partidaria antes de conhecer-me.

Querem mais provas? Ahi vão duas:

A primeira é que a unica visita que fizemos em Madrid, com os srs. Meunié e Bonnard, foi á redacção de *El Motin* e as unicas pessoas com quem comemos foram Nakens e alguns seus amigos.

Segundo, que em Alella, em casa de minha familia, fomos egualmente os tres, e como ali não ia nunca sem que se discutisse a questão religiosa, sendo elles todos muito catholicos de boa fé, teve que dizer Meunié a minha mãe, e isto mui carinhosamente: "Não se importe, senhora, de Francisco ter mudado de idéas, porque elle é o homem melhor do mundo.„ Meu sobrinho Miguel Solellas y Ferrer, candidato do Comité de Defesa Social nas ultimas eleições de Barcelona, poderá testemunhar este facto.

Por ultimo, rectifico o facto de que a familia Ferrer, como prova de a ter enganado, lhe tenha remettido umas imagens da Virgem, não sei de quê. Não, não fui eu, mas a familia Batllori, que possue uma cervejaria na rua dos Mercadores n. 26, desta cidade, a qual, tendo-nos convidado para jantar um dia e observando que a senhora Meunié tinha uma exclamação de surpreza agradavel ao ver a cara sympathica daquella imagem, lh'a offereceu, promettendo mandar-lh'a a Milão.

Recusou primeiro, mas tanto insistiram (tinham ali juntas duas ou tres imagens parecidas) que por cortezia não se atreveu já a recusar.

Desculpe-me tanta massada, sr. director, e agradecendo-lhe muito o favor, subscrevo-me

Seu affectuosissimo e certo amigo

FRANCISCO FERRER.

Infamia! Infamia!

A *Guerre Sociale* assim se referiu ao enterro de Ferrer, consoante a narração de uma pessoa que a elle assistiu:

«Eram 9 horas da manhã, — diz essa testemunha — quando me foi dado assistir ao enterro de Ferrer.

As leis militares prescrevem terminantemente em Hespanha que se proceda sempre a essa cerimonia de uma maneira absolutamente secreta. Entretanto, tive meio de me encontrar no cemiterio, ao lado do sobrinho de Ferrer, de sua mãe e de alguns outros seus parentes.

Foi por um especialissimo favor que os parentes do fusilado poderam assistir ao encerramento do cadaver no caixão e á trasladação do corpo.

Ferrer ficou, com effeito, visivel no seu caixão, aberto segundo o costume hespanhol, até o ultimo momento. Esse modesto caixão de pinho, pintado de preto, tinha sido levado de noite para o deposito dos cadaveres, á entrada do Cemiterio do Sul-oeste, cujos tumulos se inclinam sobre os proprios flancos da montanha que o castello de Montjuich domina.

Familias de prisioneiros, junto de Montjuich, procurando saber noticias de seus entes queridos, entregues á sanha vandalica dos tyrannos da Hespanha.



Estava ali um official fazendo as funcções de juiz, o seu secretario e alguns agentes de policia.

Ahi se encontrava estendido Ferrer, com mesmo fato escuro reproduzido nas suas ultimas photographias; tinha vestida uma camisa de dormir e calçava as botas amarellas de que lançára mão á pressa ao ser transferido para a fortaleza de Montjuich, de onde não devia sair vivo.

Cercava-lhe a cabeça um montão de fachas ensaguentadas, mas esse turbante sinistro e gotejante não occultava os ossos esmigalhados e a massa encephalica que das feridas da cabeça se derramava.

Tinha tambem uma ferida na garganta, que sangrava um pouco, mas esse pequena furo aberto por uma bala foi tapado com um punhado de cal.

Do lado direito, a maçã do rosto estava como abysmada, e o buraco aberto alargava-se em direcção da fronte.

Finalmente, no meio da fronte, um pequeno orificio, de bordos circulares, revelava a passagem de uma bala que fôra sair pelo alto do craneo.

O rosto estava exangue, mas as mãos, já deformadas por uma inchação negra, redobravam, com o seu aspecto, o horror sinistro deste espectaculo.

Quando os carregadores vieram buscar o caixão para o transportar para o coval que lhe estava destinado, vi que descançava sobre uma vasta poça de sangue, e durante todo o trajecto o caixão, que pingava sangue, foi deixando pelo caminho, em vermelhas gottas, o vestigio de sua passagem.

O juiz de instrucção não permittiu que Ferrer fosse sepultado em terreno alugado ou adquirido pela famili . Foi para a valla commum. Só se consentiu á familia que collocasse no local uma simples indicação.

A mãe de Ferrer desmaiou durante a lugubre cerimonia.»

Cretinos!

Não nos é possivel retorquir a todos (tarefa insana seria) os miseraveis crapulas do jesuitismo, que, á similhança de cães famintos, atiram-se ao cadaver de Ferrer para o cobrir de doéstos e opprobios; porisso que, infelizmente, ainda temos no Brazil muitos specimens dessa raça de viboras. Entretanto, ao E. M. que escoucêa nas columnas do *Santuario da Apparecida*, precisamos dizer algumas palavras:

Para este calumniador covarde Ferrer era um criminoso, um ladrão, o cumplice de um regicidio e... revolucionario.

Criminoso? E que sois vós, espiritos do mal, sinão os maiores criminosos que o mundo tem visto, vós que affirmais por bocca de vossos theologos que o regicidio é justificavel?

Ladrão? E vós que sois? Que sois vós, ó masmarros que engordais na Basilica da Apparecida roubando o pão aos pobres, explorando lhes a crença e a ignorancia que cultivais escandalosamente?

Bandidos que viveis no ocio, não vos envergonhais de receber esportulas em troca de milagres que bem sabeis não terem sido feitos?

Ferrer foi fuzilado porque os vossos collegas foram servir de testemunhas falsas ao lado do mulherio que, em Barcelona, vive bestificado nos conventos.

Ferrer foi fuzilado porque as escolas que mantinha eram o terror do clero, não porque fabricassem anarchistas, mas, sim porque espargiam a luz, de que os morcegos fogem!

A fortuna que elle geria não o accumulara, recebeu-a para um determinado fim e cumpria escrupulosamente o desejo de quem a legou. E vós? Vós é que accumulais por meios ignobeis, vis, repellentes, fortunas colossaes, emquanto o povo morre de fome, porque o haveis habilmente tosquiado!

Mas, basta! Ferrer é morto, mas sua tarefa será executada por muitos! Não será sua missão detida pelas balas dos soldados, como o progresso do mundo fez-se apesar das fogueiras vossas.

E a historia, esta que escreveis, ó miseros tonsurados, si ha de elogiar Affonso XIII pela morte de Ferrer, que dirá agora, que este mesmo conego-rei demittiu o carrasco Maura?

Si era justa a sentença, «si o fuzilamento foi um acto regular», como affirma o boçal e estupido E. M., porque Maura foi demittido?

Mas o jesuitismo nefando e sinistro, implacavel e rancoroso como a hyena, ha de sempre pedir sangue para se saciar e ver si póde, pelo terror, locupletar-se, empanturrar-se como um fedorento suino grunhidor e ronceiro.

VOLTAIRE.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

— De quem são estes corações?
— São os de suas confessandas, sr. reverendo.

Ecos & Notas

As almas

Em Guaratinguetá existe uma associação de... almas. Lá está o annuncio na *União Catholica*. E o procurador Benedicto M. de Araujo avisa que vai iniciar a cobrança.

As do inferno tambem pagam, sr. procurador?

Ha de haver por là muito papa bandalho, muito vigario d. Juan, muito frade sodomita e muito capellão pederasta. Não os largue. Cinco mil réis de cada um e terás bella porcentagem.

Bons collegas!

A *União Catholica* e *O Santuario da Apparecida*, ambos de Guaratinguetá, desmentiram *A Lanterna*, ou, melhor, seu correspondente, que affirmou termos tido grande acceitação naquella cidade.

E os dois jesuiticos collegas, que teriam grande prazer si pudessem justificar o *assamento* dos redactores d'*A Lanterna*, condoidos do nosso insuccesso naquella cidade, resolveram fazer réclame gratuito de nossa folha.

Muito gratos, mas, si de facto amam a Deus, suspendam. Nem nos pagando queremos réclames em papeluchos de jesuita.

Não tenham receios pelas nossas finanças, que estão boas, muito obrigado. E isto sem recorrer ao dinheiro dos pobres diabos que S. Geraldo e a Virgem curaram, como vocês fazem.

A recompensa dos infames

Ahi vai a nota das recompensas officiaes concedidas aos diversos agentes da autoridade que tomaram parte mais activa na prisão de Francisco Ferrer, o intemerato propagandista da educação racional, o odiado e perseguido emancipador da consciencia humana universal, desse espirito de uma independencia irreductivel que pretende que o homem seja livre.

Vejam como é vil:

Commenda de Isabel a catholica, ao alcaide de Alella.

Uniformes e armamento novo e commenda da mesma ordem aos dois *somatenes*.

Medalha de Isabel a catholica e 3.000 pesetas ao *sereno* e aos dois guardas civis ou policias que ajudaram a fazer a captura.

Além disso o governo hespanhol pagará á sua custa as insignias dos abominaveis condecorados.

A' sua custa?

A' custa do sangue, das lagrimas e suor do povo é que isso ha de ser pago!

O que disse Ferrer

«Não tomei parte em manifestações para impedir o embarque de tropas para Melilla. Não sou politico e estou convencido de que os movimentos revolucionarios só logram exito quando os que nelles se lançam progrediram por meio do ensino. As revoluções não são a resultante da vontade de um homem, mas o desfecho fatal de uma evolução dos povos.»

. . . .

No tomei parte nos acontecimentos de julho. Peço ao conselho que me julgue, considerando simplesmente esses factos e não os meus antecedentes. A prova da minha inculpabilidade está bem patente. Nunca me occupei de outra coisa que não fosse o de levantar o espirito publico hespanhol, defendendo a instrucção. Estou innocente!...»

. . . .

«Tudo isto é obra dos meus inimigos. Querem destruir a casa editora como destruiram a Escola Moderna.»

«União Catholica»

Recebemos, enviado por um amigo, um numero desse pasquim, acompanhado da seguinte nota á margem:

«Junto o presente *pasquim*, orgam official da parochia, dirigido por um imbecil carola jesuita monomaniaco, que, não tendo assumpto, diz não ter *A Lanterna* grande acceitação.

Que jesuita!

Benedicto Maximo de Araujo, vulgarmente conhecido por Benedicto *Marreco*, é uma aberração; damnado por não ter arranjado a sacristania da matriz, como vingança rasgou as imagens que tinha em casa!

Que hypocrita!»

Nosso amigo bem conhece o typo e bem o desenha.

Vade retro, seu *Marreco*.

Manifesto academico

CONTRA A LEGAÇÃO BRASILEIRA JUNTO AO VATICANO

«Exmo Sr — Depois dos ultimos acontecimentos que na Hespanha terminaram com o assassinio legal de Francisco Ferrer, não se póde duvidar da acção nefasta recomeçada pelo jesuitismo, por essa monstruosidade religiosa comparavel aos cancros malignos nos corpos das sociedades, e guarda avançada da Egreja Catholica Romana, na triste obra do obscuratismo do mundo.

A vasa infecta e lutulenta das sotainas que refluira para o interior dos conventos, tornou a cavar um sulco por onde se escorre novamente, devagar, turvando as aguas do grande rio crystalino da Liberdade.

Depois de haver exhaurido toda a energia dos povos latinos, cobrindo de esterilidade e hypocrisia a Hespanha, Portugal Italia e França, acorrentando a Biblia, deturpando os Evangelhos, instituindo os costumes mais torpes e os ritos mais escandalosos, matando todos os homens dignos de figurarem no calendario dos bemfeitores da humanidade, trucidando as populações, levantando, em summa, sobre tantos escombros, o mais torpe monumento da historia, sobre alicerces que foram o sangue de Savonarola, Fra Dolcino, Arnaldo de Brescia, Giordano Bruno, dos Albigenses, Valdezes, Lollardos, — o formidavel monstro, como Siva, ainda appetece mais, devora pela bocca dos fuzis hespanhóes a legião que a energia especifica das raças produz na hora suprema dos paroxismos e que na Hespanha terrivelmente iniciara a guerra santa da liberdade do pensamento

Depois de 1870 pensava-se que a malsinada egreja ia ruir para sempre, desabafando a humanidade de seu plumbeo tecto de oppressão e maldade. As nações respiraram, a Italia renasceu para um novo cyclo, um toque de rebate ecoou pela Hespanha, acordando uma nave da lugubre «Cathedral» symbolica de Blasco Ibáñez, e o pequeno Portugal estremunhou, subitamente ferido pela visão radiosa de um novo sol e de uma nova éra. Na França ainda é bem recente a grande luta para se desvencilhar dos grilhões clericaes.

Eis, porém, que a legião negra se ordena de novo em linha de batalha e recomeça a guerra surda da treva contra a luz.

E justamente para o Brasil é que se transferem, para a nossa querida terra, a gloriosa patria da mais liberal e scientifica das republicas!

De norte a sul, de leste a oeste, por toda a parte vão se fixando os bandos agourentos e lugubres, espalhando por tudo as sombras de um insanavel crepusculo moral.

Emquanto é tempo, reajamos.

E vós, que representaes a vanguarda da legião republicana, fostes escolhido para receber a declaração solene de nossa solidariedade na campanha que de longe vindes travando contra as fraquezas do nosso governo em face do clero e principalmente contra a incostitucional e inexplicavel manutenção da missão diplomatica junto á Santa Sé.

Essa excrescencia diplomatica precisa ser extirpada com a maior urgencia: 1º porque o Papa não é mais pessoa internacional, não é soberano de nenhum paiz; mas simplesmente o chefe de uma egreja superstíciosa e parcial. A lei das garantias, que, aliás, é do direito publico interno da Italia, apenas reconhece ao Papa o «goso» de certos immoveis determinados; 2º porque a Constituição Federal, distinguindo e separando o governo temporal das religiões, explicitamente prohibe a subvenção de qualquer culto ou seita; 3º porque a legação junto á Santa Sé importa, por parte do governo brasileiro, num apoio politico prestado a uma seita religiosa, ferindo de tal arte, directamente, o principio de egualdade em que devem ser tidas todas as seitas de todo o genero, cujas doutrinas não sejam contrarias ao fim da humanidade, isto é, ao aperfeiçoamento do homem sob todos os aspectos.

São Paulo, 25 de outubro de 1909. — Manuel Carlos de Figueiredo Ferra — João Franco de Godoy — Alfredo Ulson — Bolivar Barbosa — Ricardo Gonçalves — Flor Horacio Cyrillo.»

(Continúa).

Recolhendo ovelhas

— Entrem, meus filhos, não receies nada. Já temos outros Limpinzel para vos salvar as alminhas, como o de Florianopolis.

Ainda Ferrer

Insistem diversos jornaes, como *Bi-Hebdomadario Catholico*, *O Lusitano*, *O Santuario da Apparecida*, a *União Catholica* e outros da mesma estofa, em editar as calumnias já mui sediças sobre Ferrer, que elles mataram. E' uma tempestade de lama que enoja; chafurdados no lodo, atolados no esterquilinio, esforçam-se por que os outros sejam, tambem, maculados.

Corja de imbecis. Ferrer está muito ao alto para que até elle cheguem os teus vis insultos e a tua baba de rancores e infamias.

E' que essa canalha tem lido a verdade sobre o sacrificado, mas a deturpam ou fingem ignoral-a para os que se idiotisam com sua leitura continuem immersos na ignorancia.

Inspira asco; causa-nos repugnancia tanta immundicie, tanta lepra moral nesses pseudos moralistas. Mas o intento é baldado. Mataram a Ferrer, mas a sua memoria permanecerá impolluta.

Fechemos com um puxão de orelhas ao redactor d'*O Lusitano*. Este rabiscador qualifica Ferrer homem «sem illustração e sem idéas.» Não rimos, que a piedade que nos causa a estupidez e a ignorancia desse pardavasco não nos permitte essa expansão. Porém lamentamos que se arrogue a sentenciar quem tal prova inconcussa de illetrado e tolo fornece em linhas tão escassas.

* * *

Ainda temos, pela frente, mais um eunucho — padre Francisco Ozamis, C. M. F. — que vomita suas asnices nas columnas d'uma *A Verdade*, de Campinas.

Não queremos perder tempo com esse typo. Limitamo-nos a apontal-o ao publico como um rasteiro plagiario, um ladrão! Tudo quanto elle assigna contra Ferrer não é seu, é do *Jornal do Commercio*, o orgam methodista do falsario José Carlos Rodrigues.

E, vá sahindo, seu roupeta!

D. LUCIO DE SOUZA

e a banca de portuguez

Lemos no seraphico *Botucatuense*, orgam official da diocese de Botucatú, que o bispo d. Lucio, attendendo aos interesses da religião, não admittirá em suas parochias como directores espirituaes das almas do rebanho catholico os padres que não souberem bem e correntemente a lingua portugueza.

Para que um reverendo possa assumir a responsabilidade da direcção do aprisco, antes de mostrar que é forte em theologia, deve patentear que não é peco em portuguez.

Para nós outros "lanternistas" a medida de d. Lucio é boa.

Mas como pretendemos exgottar a questão sob o ponto de vista da religião, s. exc. ha de permittir-nos o desafogo de alguns reparos inoffensivos.

Temos, portanto, que os srs. reverendos que abalam de longinquas plagas em demanda do novo mundo para catechisar, converter e salvar as almas, illuminando-as com palavras de santo amor pelas cousas da igreja, devem, antes de tudo, submetter-se á prova de portuguez.

Não sabemos até que ponto a inspiração de s. exc. o sr. d. Lucio obedece a ideias de ordem puramente religiosa, nem procuraremos penetrar na razão aliás profunda e respeitavel de tão radical decisão.

Se quizessemos, porém, argumentar tomando como ponto de partida a falta de precedente de tal medida, diriamos sem rebuços que o tonsurado d. Lucio prendendo-se mais ás cousas mundanas do que aos palpitantes assumptos celestiaes, usou de um meio bairrista para impedir que a sua diocese seja invadida pelo extrangeiro ganancioso em detrimento e prejuizo do clero nacional. Porque a verdade é que essa medida, a nosso ver, não visa tanto o bem das almas como o bem-estar do clero nacional, por cujo ventre e ociosidade d. Lucio tem cuidados verdadeiramente paternaes.

Se pretendessemos mais, collocar e definir a questão em face da santa e rendosa religião catholica, diante da qual, segundo nos affirmam, desapparecem os preconceitos de nacionalidade, teriamos que o padre, formando um ser a parte e superior, dedicado simplesmente ao seu mistér de encaminhar para o paraiso as almas e de raspar as nodoas das ovelhas tinhosas, deveria manter-se sómente no reducto dos principios evangelicos. Para os sotainas não deveriam existir as desigualdades sociaes nem os absurdos e accidentaes prejuizos de nacionalidade. A patria dos ministros de Deus é o paraiso. Desviar-se desse objectivo que o padre se impõe mentindo á natureza e á sociedade, constitue um grave attentado contra os principios que a religião manda observar.

Dada a singeleza dos principios evangelicos, accessiveis a todas as intelligencias e prégados outr'ora por homens rudes e humildes, não vemos a razão, em nossos dias, da santa determinação de d. Lucio. Se não é absolutamente necessario que um padre tenha escripto a grammatica do paiz em que actua, para agarrar-se ao homem desde o berço até o tumulo, explorando-o vergonhosamente e intervindo nos mais solennes actos da sua vida, não vemos o fundamento da medida episcopal de que estamos tratando.

D. Lucio, pastor de almas, ministro de Deus, agente do celestial chaveiro na terra, em lugar de atirar-se aos sentimentos mesquinhos em que nós outros hereticos nos debatemos, deveria, pelo contrario, pôr os olhos em alvo, meditar sobre a patria celeste, diante da qual desapparece o jacobinismo e o preconceito da nacionalidade.

E emquanto s. exc adquiriria a aureola de santo o rico metal dos seus parochianos abarrotaria os cofres da sua celestial repartição.

. . . .

Bem dizia o incomparavel philosopho heretico:

"A religião prégada por ignorantes produzia os santos: a mesma religião prégada por sabios produz os incredulos."

ROGERIUS.

— Não ha nada como ter operarios carolas.
— ?!?
— Deixam-se roubar e, ainda por cima, nos adulam...

Um caso grave

Sepultado num convento — Carta denunciadora — Convém apurar.

Recebemos uma denuncia que, comquanto anonyma, bem pode conter algo de verdade, porquanto é bem sabido que os moradores dos conventos julgam-se completamente alheios ao paiz em que vivem, de cujas leis zombam, burlando as constantemente.

Trata-se de um facto gravissimo que, aliás, tem precedentes, pois em demolições havidas nesta capital já se têm constatado esses abusos.

Eis a carta, que publicamos na integra, para que os leitores possam avalial-a devidamente:

«Ha tempos, tendo alguem enfermado de variola no Convento de Santa Thereza, ali falleceu e ali mesmo foi sepultado, isto contra as leis da Republica. Não sabemos si o corpo foi enterrado nos terrenos em que hoje estão edificadas diversas casas que têm frente para a rua Onze de Agosto, ou no pateo do Convento.

Só um inquerito poderá desvendar o caso. Com este facto violam-se as leis da Republica e a saúde publica correu grande risco.

Mas, nesta Republica leiga, os conventos estão acima de tudo e de todos, até das proprias autoridades!

Não seria desse estabelecimento que irradiára a ultima epidemia de variola?

Responda o poder publico, que é o responsavel.

—

Addendo — Além deste facto, innumeros devem se dar, sendo do dever da autoridade abrir inquerito em todos os conventos desta cidade e outras

Esses conventos estão transformados em verdadeiros cemiterios, á moda da Hespanha.

E' possivel tambem que o corpo tenha sido enterrado na parede ou em qualquer lugar bastante occulto.

Mas a verdade é que morreu e ali foi enterrado.

A autoridade competente que descubra.»

A "Lanterna" em Ribeirão Preto

O sapientissimo e religiosissimo Martin Sanches, devotissimo dos frades Agostinianos desta cidade, vem pela secção paga do orgam *A Cidade*, de quinta-feira, 4 do corrente, todo exasperadissimo, vomitando a sua nojenta baba num *memorandum* concebido nestes termos:

«Ao *Grau 12* e a todos os capinadores, toreros, cigarreiros e dynamiteiros intellectuaes que por ter lido a *geologia* (sic) de Allan Kardec, pensam que sabem tudo quanto um homem deve saber e muitas coisas mais ainda:

A Voz de Hespanha, n. 478, pagina terceira, columna quinta, á linha 81, que se publicou no dia 19 de outubro passado, diz assim:

«*El Diluvio de Barcelona* e outros muchos periodicos han publicado las proclamas de Ferrer, etc. etc.»

Sendo assim, como é que foram deduzir, sabichões *presuntuosos*, (sic), a *Cidade*, que transcreveu isto no dia 22, o tomou, não da *Voz de Hespanha*, mas da *Ciudad de Dios*?

Porque o typographo pôz *Diario* de Barcelona em vez de *Diluvio* de Barcelona?

Esta é a logica que ensinam os espiritos do outro mundo! Ora, progressistas de palheta!

E pensaram gritar: Eureka, Eurecha! como Archimedes. Vão sahindo de barriga!»

Ora, ora seu... Sanches, não era necessario v. ex-revma. vir com tanta asneira para justificar que o artigo inserto na *Cidade* de 22 do p. p. foi fornecido por vossa santidade.

Vossa illustrissima tanto maguou-se porque no nosso artigo transacto não destacamos vossa execranda figura?

Não foi, por ventura, v. revma. como criado, sem libré, dos frades Agostinianos, auxiliar do jornal jacobino-religioso, que andou de porta em porta com o orgam official dos frades, *Ciudad de Dios* mostrando por esse pasquim clerical que a morte do professor F. Ferrer tinha sido mais do que legal?

Sómente foi para os Mauras, os Medianos, o cabeça d'agua Affonso XIII e para a casta sacerdotal; não é verdade, seu Sanches?

Não foi tambem verdade que um influente e abalisado clinico desta cidade arrojou ao chão a nojento *Ciudad de Dios* quando a vossa estupenda figura pretendeu mostrar-lh'o?

Pois não é exacto que a vossa logica é a dos Penitentes negros, Torquemadas e Loyolas, destruindo pelo fogo, pelo martyrio, aniquilando pela injuria, pela calumnia e assassinando pelo punhal e pelo veneno tudo quanto de bom, de caritativo e de sublime existe na terra?

Ora, seu Martin, deixe de estultices e recolha-se ao chiqueiro.

Responda, sim, mas categorica e racionalmente! Que tem os *Grau 12*, os capinadores, toreros, cigarreiros e dynamiteiros intellectuaes ou analphabetos com a vida de Jacyntho? E' que, acaso, como disse, não pactuam com a vossa nefanda e mediocre idéa? Mas ao menos vivem do seu trabalho honesto, não exploram orphams.

Si tiveram, como vós, a infelicidade de não ser bachareis nem laureados, ninguem lhes tira a intelligencia, o cerebro delles é perfeito e o vosso é doentio, não funcciona regularmente, como está demonstrando!

Onde foi que engendrou, bestunto jesuita, a palavra *geologia* de Allan Kardec? Como tendes a petulancia de falar num nome acatado por todos os scientistas do universo? Quem sois tu, infeliz pygmeu da seita para manchar com teus cancerosos labios tão illustre nome? Tu deliras, desgraçado, não sabes o que dizes!

Abandona teu maleficio, não prosigas, Satanaz!

Como concebeste a idéa salvadora de que o pobre typographo que copiou o artigo, inverteu *Diario* por *Diluvio*, quando o artista, por ordem natural, ha de saber ler e com especialidade a transcripção? E o revisor? tambem incorreu no grave erro? Fatalidade, porque os persegues?...

Seu Sanches, forje outra... mentira, porque desta vez ficou peior a emenda do que o soneto!

Tristes vicissitudes das coisas e dos seres!

Si foi, como diz, da *Voz de Hespanha* e não da *Ciudad de Dios*, porque, carcomido desertor das Filippinas, vens responder aos que não te chamam? Porque não ficaste calado?

Queres arvorar-te em intrepido defensor do paladino archi-episcopal? Recolhe-te novamente ao convento nauseabundo onde estavas, desastrado jesuita! A tua época nefanda extinguiu-se, já não se queimam as criaturas, se enaltecem as intelligencias, se victoriam os sabios e se erigem estatuas aos martyres do progresso e da liberdade! Já não mais matais em nome de Deus com o Christo na mão!

O seculo XX, illuminado pelo facho do progreso, avança com a velocidade dos meteóros, abrindo passo á liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens!

Em vão a tua malevola seita se antepôi á Sciencia, já não se queimam livros em praças publicas, agora formam-se bibliothecas e sem o receio dos calabouços onde se martyrizava a pobre humanidade, expõem-se as idéas porque o pensamento é livre!

Recolhe-te, recolhe-te, moribundo, a espirar nos sepulchros viciosos dos conventos e deixa a humanidade progredir, retrogrado fetido, morre em paz roendo o *presuntuoso* que inventaste, sapientissimo confrade da malefica Irmandade de Jesus!

Paz á tua pobre alma!

—

N. do A. — O grypho é nosso.

O correspondente.

Divulgai a LANTERNA! que fará tudo para corresponder aos vossos esforços.

FOLHETIM 5

GOLIARDO E RATALANGA

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

No mundo da Lua

Tinham os olhos vivos e brilhantes como raios de estrella, a fronte muito mais ampla do que entre nós, os cabellos finos e macios na cabeça grandemente desenvolvida, a bocca pequena, fresca, cheirosa como o botão de rosa—dentes, não se distinguiam—nariz afilado com narinas imperceptiveis, transparentes como cartilagens subtis, e sobre todo o rosto branco, coroado de fluente barba escura, cheio de uma luz de intelligencia pacata e segura, que nos fazia corar de uma grosseria que nunca dantes tinhamos percebido em nós mesmos.

Tambem o capitão, tão alteroso poucos momentos antes com seus bigodes hirtos, sentiu-se profundamente humilhado.

Cada um daquelles extranhos seres trazia atraz dos hombros grande azas, que no repouso, inclinavam-se graciosamentepara a frente do corpo, e tres tinham corpo ligeiro e delgado, com escassissimo ventre e leves coxas que iam afinando até o pequeno e gentilissimo pé.

Não tinham roupas ou chapéos que escondessem a harmonia suave dos membros, mas subtil e multicolor tunica, na qual, no falar ou no gesticular, iam elegantemente se envolvendo.

O capitão em furia

O sêr que de maior autoridade, não por diademas ou commendas, mas pela austera apparencia e nobre amplidão da fronte apparecia, approximou-se mais de nós e falou na nossa lingua:

—Sede bemvindos, ó amigos da Terra, na livre Lua!

Um momento antes tinhamos cahido, mas isso não impediu de cahirmos de novo das nuvens.

— Como! Falaes italiano?

O venerando velho—tal nos pareceu pela solenne dignidade do seu rosto, mais do que pela decomposição das linhas ou dos decadentes membros—sorriu-se.

— Muitas coisas extranhas vos apparecerão, descansando entre nós e não será possivel ao vosso tardo intellecto ter logo a explicação dellas.

O commendador—habituado com a alta consideração de seus subalternos — se zangou um tanto ao ouvir aquelle «tardo intellecto»; e o capitão levantou-se orgulhosamente como quem não está disposto a tolerar injurias.

— Velho! — gritou levando a mão á espada. Veja como fala!

Um murmurio do surpreza correu entre os lunares, mas o ancião, acenando com um gesto de desdem, disse sorrindo com gravidade:

— Soldado, recorda-te de que aqui não temos heróes! E si vêm, não queremos saber delles.

— Sereis, então, um povo de patifes? exclamou o valente com um gesto de desprezo

— Patifes!... Heróes! São termos incomprehensiveis para nós, porque exprimem um estado individual e social selvaticamente primitivo.



O capitão ia se enfurecendo.

— Na Lua — gritou – a covardia será um merito! Na Terra, da qual me honro de ser o representante armado, o heroismo é a mais preciosa das virtudes!

O ancião, a sorrir:

— A sciencia, entre nós, supprimiu o heroismo e a covardia! Nós não tememos e nem nos fazemos temer: amamo-nos!

— A vossa sciencia é estupida, si supprimiu o mais nobre dote do homem: o valor!

Coriscaram os olhos do velho. As injurias pessoaes, que não o haviam attingido— evidentemente tornavam-se intoleraveis quando dirigidas á santidade da sciencia.

— O estupido és tu—disse severamente o venerando lunar— e comprehendel-o ás por ti mesmo.

O capitão sahiu dos gonzos, emquanto a espada sahia da bainha.

— Insultos a mim!... Com mil raios! Si soubessem os meu collegas do Club Militar! — e fazendo gyrar o ferro deu um passo para o velho, ajuntando: — eu vos darei uma amostra do valor terrestre, raça lunatica, espedaçando-vos a espaldeiradas como a espigas de trigo!

E ia precipitar-se, quando o velho, com uma agilidade surprehendente de moço, deu um salto para traz, tirou das mãos de um seu semelhante uma varinha metallica com cabo e — voltando para nós—tocou com ella o capitão no punho.

O nosso bellicoso conterraneo soltou um grito de susto e de raiva, deixou cahir a durindana e foi de costas ao chão, debatendo-se como uma enguia, emquanto o velho lunar, conservando sempre a varinha sobre o corpo, exclamava, sorrindo:

— Eis ahi o heróe!

Intercedemos pelo nosso infeliz representante armado, e então o velho, levantando a vara, emquanto o seu adversario, dum instante levantava-se aturdido e com os nervos em sobresalto, disse, extendendo-lhe a mão:

— Vêde? E' um pequenino instrumento electrico com o qual dantes matavam-se as feras, hoje de todo desapparecidas das florestas lunares e trouxemol-o comnosco de proposito, sabendo que seriamos visitados por sêres que têm ainda muito de nossos irracionaes predecessores!

Esta declaração distrahiu nossa attenção do episodio bellicoso.

— Como! gritámos. Sabieis da nossa vinda!

— Por Deus!... Nós fomos quem vos attrahiu!

O segredo dos lunares

Nosso assombro chegou ao cumulo, mas Ratalanga, improvisando-se interprete da comitiva, perguntou:

— Desculpe, caro... como se chama?

— Pensamento!

(CONTINÚA)



ROL DOS CULPADOS

Libidinagem de um masmarro

O *Estado de S. Paulo*, de 30 de outubro, publicou o seguinte telegramma:

«*Florianopolis, 29.* — Realizou-se hoje um meeting de protesto contra o procedimento do frei Herculano Limepinzel, da ordem dos Franciscanos, accusado de haver violentado um menino.

Ao *meeting* assistiu grande massa de povo, fazendo-se ouvir varios oradores que reclamavam implacavelmente vingança do attentado.

Por entre as palavras estridolosas da multidão ouviam-se gritos de colera contra o seraphico padre, sobresahindo os *morras* e os *abaixo o infame.*

O frade evadiu se para S. Francisco, de onde pretende embarcar para sua terra, que, espera, o porá a salvo das consequencias do seu crime.

E' á sombra dos braços da cruz que se acoitam almas deste jaez para se depurarem na contemplação mystica da pureza dos santos e abnegação dos martyres!...

O governador declarou á commissão, que foi a palacio, não consentir no embarque do criminoso e oxalá que essa promessa se cumpra, applicando a pena que o caso merece, para arrependimento do malvado e reparação do escandalo perante a sociedade.

Registremos em todo o caso mais esse fructo da moral de Roma.

Felizmente, porém, o lubrico masmarro acaba de ser preso em Porto Alegre. O bruto allega sua innocencia e diz ser perseguido pelos anti clericaes.

São todos assim. Commettem villanias e sahem se com estas defesas...

—

Continuam os paes a confiar os filhos aos masmarros. Elles, só elles, segundo dizem os idiotas, sabem educar as crianças, preparando homens uteis á collectividade social.

Como elles educam, prova-o eloquentemente o telegramma acima. A pederastia é um vicio enraigado nos conventos e nos estabelecimentos de educação religiosa. Quando os frades não encontram á mão mulheres casadas para seduzir, cevam os seus instinctos em pobres meninas que elles estupram ou em meninos que elles violentam.

Quando o escandalo fica encoberto, o frade ou padre porco que assim procede é tido em alta estima pelo superiores, e quando, como no caso de frei Herculano Limepinzel descobre-se a porcaria, o superior faz constar que o masmarro está punido.

Mas podem ficar todos certos que o immundo frade foi mandado para outra casa da ordem. E, como os franciscanos allemães têm, em Curityba, uma casa conhecida pelo expressivo nome de *Potreiro*, elle para alli foi enviado com toda a certeza.

Os Flamidiens e os Limepinzel são legião! Cada padre, cada frade é um pederasta violentador de meninos ou estuprador de meninas.

Rendamos graças a Deus, ao Papa e aos nossos falsos estadistas republicanos pelo bem que elles nos proporcionam enchendo o Brasil de frades expulsos de outras terras.

Já começou a nossa felicidade, e nós seremos muito mais felizes no futuro!

—Ainda a respeito deste porco, deflorador de meninas, recebemos correspondencia contendo muitos e interessantes pormenores. Por ter vindo um pouco tarde, só no proximo numero a publicaremos.

Fique, entretanto, desde já dito que o crime do infame Limepinzel é muito mais grave do que as primeiras noticias faziam suppor.

PEQUENOS ÉCOS

«Diario Popular»— Este nosso collega acaba de completar 25 annos de existencia, e, nesse periodo, tem sabido triumphar, progredindo rapidamente.

Dos vespertinos desta capital o *Diario* se destaca pela sua vasta cópia de informações, bom serviço telegraphico e o criterio com que é redigido.

Embora retardados, nossas felicitações.

Grande Oriente de S. Paulo— Realisa-se hoje, perante numerosa assistencia, no Grande Oriente de S. Paulo, uma sessão commemorativa do 30°. dia da morte de Ferrer.

Far-se-ão ouvir diversos oradores, que em phrases vehementes profligarão o barbaro assassinato do martyr da liberdade.

Visita—Visitou-nos o nosso collega d'*O Mundo Occulto*, de Campinas, sr. João Marcilio.

"A Lanterna" em Campinas

Para breve começaremos a narrativa de um escandalo que tem relações com o clero e para isso estamos colligindo informações. O facto estava envolto no maior mysterio, mas o conseguimos desvendar protegidos pelos santos do Paraizo.

Ha muita gente grauda no *embrulho*, tanto de batina como de casaca.

A escola da Liga—Para essa escola, que a Liga Operaria tem sustentado, convergem os odios da padralhada. Para esses desgraçados a escola leiga infunde um pavor enorme. Dahi o quererem supprimil-a.

Como resposta a manobras fradescas se colliguem todos os homens liberaes de Campinas e, apoiando a iniciativa da Liga Operaria, procurem fundar escolas similhantes, ao abrigo da maligna influencia do clero. Essa é uma elevada manifestação de protesto, cujos resultados são infalliveis.

O cruzeiro — A quéda do cruzeiro é, sem duvida, obra dos proprios clericaes. Tanto que immediatamente, ao lado do madeiro cahido, appareceu um cofre para esportulas.

E como, com esse pretexto, não fazer outro, rodeando de festas o seu implantamento, resolvemos convocar para esse dia um comicio em Campinas. Para essa reunião convidamos os anticlericaes, e de S. Paulo partirão muitos para se associarem a essa propaganda.

Em nossa redacção está uma lista á disposição dos que quizerem se inscrever para o passeio.

«A LANTERNA» em Jardinopolis

O celebre tonsurado Vinheta, que o mar teve nojo de tragar no naufragio do *Sirio*, enfeitou a torre de sua barraca com algumas bandeiras, entre as quaes a italiana, e, no alto, a do Vaticano.

Uma commissão de italianos o obrigou a retirar a bandeira da Italia, pois era uma vergonha que esta ficasse sob a do Vaticano.

O padreco bufou mas teve de arriar a mochila.

— Aportou o bispo, recebido por muitos carolas, inclusivé alguns maçons, que o bispo finge ignorar pertencerem á «seita maldita,» porque precisa de seus *cobres*.

Os maçons, por sua vez, revelam-se bem incongruentes. Alludo aos que beijaram o annel do bispo.

— O boletim distribuido pelos livres pensadores fez successo de arromba. O prelado, agora, em todo sermão que resmunga, os chama de vagabundos, ladrões, assassinos, expulsos (!) e anarchistas. Tira de si e dos confrades para dar a outrem.

Emquanto insulta numa linguagem de regateira, vai chrismando. Dizem que já ganhou 8 contos, afóra perús, leitões, gallinhas, porcos, etc., que para o seu santo ventre lhe trazem os pobres diabos, que assim se privam do necessario para encher o pandulho de um vagabundo.

— Devido ao boletim, o *archi-carola* José de Paula Machado, boticario, insultou a valer os italianos, que nada têm com o peixe. Este fazedor de pilulas é parvo.

— *A Lanterna* tem aqui esplendida acceitação.

Continúe o valente orgam a dar de rijo nestes padres exploradores.

(*Do correspondente*).

Os nossos concursos

Para que serve o padre?

Damos abaixo mais algumas das numerosas respostas ao nosso concurso, que dá como premio ao autor da melhor resposta um exemplar da excellente obra *Verdade*, do immortal Emilio Zola.

Aqui temos mais algumas:

O padre, duplo criminoso, que com desmedida hypocrisia, sob o nome de «ministro de Deus», vive extorquindo o pão quotidiano ao chefe de familia, ao operario; serve para illudir os espiritos atrasados, prégando a mentira e produzindo a miseria entre os infelizes que se exgottam para o confortar.—*M. Leite.*

— Para nos dar occasião de o extirpar da sociedade.— *F. A. Ramalho.*

— Para ludibriar o proximo e mandar os tolos para o inferno, si na realidade elle existisse.—*Guiameno.*

— O padre, esse infame vampiro que o proprio esterco sobrepuja, poderá unicamente servir de escoadouro de toda a postema da humanidade —*José Barreto Pereira.*

— Para estudar á noite e fazer o mal de dia.—*José Falsetti.*

— Para ser o carrasco pontifical.— *F. A Ramalho.*

— Para furtar ao pobre até o ultimo vintem e tentar abafar a sciencia nas profundidades do abysmo da sua ignorancia.—*Humberto Marota.*

— Emquanto vivo, para comer e beber, favorecendo aos ricos e roubando aos pobres que lhe dão fé, e depois de morto, para infectar os ares e estercar a terra.—*J. M.*

— Para que serve o padre? Ora essa é boa!
Que pergunta engraçada!
Sabem todos que o padre é coisa atôa,
Não serve para nada.

— Para nada? mentira; neste mundo
Nada é inutil e vão.
P'ra alguma coisa o padre-esse ente immundo,
Sempre serve, pois não!

Sem o padre romano o que seria
Das freiras voluptuosas?
Quem os doces bordeis forneceria
De mulheres formosas?

Quem daria consumo ao bom Falerno,
Aos bons vinhos francezes
Que tanto imposto pagam ao governo
E enriquecem os burguezes?

Quem com esse fervor extraordinario
Consolaria a beata,
Que busca allivio no confissionario
Pr'a volupia que a mata?

Quem com tanto *fervor*, com tanto *altruismo*,
Havia de educar
A Mocidade fiel ao Despotismo
Do Governo e do Altar?!

BEATO DA SILVA.

As pessoas que quizerem inserir annuncios na **Lanterna** *são solicitadas a virem tratar desse assumpto com a administração, visto que, dispondo o nosso jornal de pouco espaço, não encarregaremos ninguem de angariar annuncios.*

Pró-«Lanterna»

Para a lista de subscripção voluntaria, corrida pelo sr. Francisco Gallardo, em Ribeirão Pires, subscreveram:

Srs.: João Figueira, Francisco Gallardo, Ovaldo Ferrari, Tagioli Enoreque, Antonio Tedesco, Carlos Gianoti, Angelo Gianote, Giuseppe Taigoli, Antonio Rodrigues, Giacomo Pavente, Antonio Bavanela, Luiz Correia, Albino Miranda, 500 réis cada um. Vendido avulsamente pelo sr. Cesar Matheos, 1$000.—Total, 7$500.



— Ha provas esmagadoras contra o reverendo.

— Ah! juiz, são falsas. E'*A Lanterna* quem faz tudo isso.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno.

Em Campinas, na livraria do sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Aos amigos

Solicitamos de todos os amigos e leitores, com o fito de tornar mais vasto o raio de acção d'*A Lanterna*, que nos enviem toda e qualquer noticia de crimes e patifarias da padralhada, cortando-a do jornal, cujo nome deverão nos enviar assim como a data e o logar em que se publica.

Infeliz devoto!

Deu-se em S. Roque, no dia 10 do andante, um tristissimo desastre.

Thomaz da Costa Pereira, fazendeiro abastado, assestia nesse dia á entrada de uma procissão na Matriz, quando um rojão bateu-lhe em pleno peito, detonando surdamente.

Thomaz foi conduzido para a sua residencia, vindo a fallecer poucos momentos depois.

São da *Folha d'Oeste*, de Piauhy, estas linhas. E ahi está um chefe de familia, de que era quiçá o arrimo unico, morto por cumprir uma devoção. E o que fez a virgem, que o não salvou?

O tempo dos milagres já se passou...

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

NA LAPA—*Salão Internacional.*

CONFEITARIA PROGRESSO — Avenida Rangel Pestana 229.

SALÃO DE BARBEIRO — Alipio Pires Carvalhaes, Rua Oriente, 156.

Retratos de Ferrer

Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

FOLHETIM (5)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

II

Ella, formosa e moça, com a ardentia voraz da paixão que o hysterismo lhe accendera no peito, proseguindo na senda do amor com afan de louca, certa de encontrar-lhe no seio esse prazer indefinivel, desconhecido, procuradô por toda a parte e jámais deparado.

Pobre humanidade! para fruir uma parcella de ventura necessita embalar-se no sonho, alar-se na eterna illusão! Quão melhor seria, talvez, tirar-lhe a venda, mostrar-lhe a realidade positiva em que as miragens se dissipam. Mas não era faltar assim á piedade, á commiseração para todas as desgraças? Com que direito destruir a mysteriosa esperança vinda desde a origem dos tempos no alforge que o homem conduz através da vida? Emmudecia-se, portanto, deixando aos outros crenças que já lhe não sorriam.

Ouviram uma voz na encosta da collina, encoberta entre arvores, e viram depois, lá em baixo, um homem maltrapilho de mala ás costas, seguido por uma menina andrajosa tambem, carregando uma trouxa na cabeça. O caminhante, abrindo a marcha, dançava e cantava com uma voz estridente, num como resfolegar de alma feliz a espanejar as alegrias intimas:

Mulata pr'a ganhar saia, caboclo,
E' assim! é assim! é assim!

E no fim do estribilho fazia uma roda dando uma umbigada na companheira de viagem. Numa das voltas elle viu de certo os cavalleiros, porque extendeu o bordão á criança, collocou-a na vanguarda e proseguiu silencioso, com passos tropegos. Todos lhe perceberam o jogo e quando lacrimejou:

— Uma esmola ao pobre cego!

— Deus o favoreça!—foi o voto expresso.

— Onde vai? — interrogou o Chagas

— Ao jubileu de S. Bom Jesus de Mattosinhos, meu amo... ás minhas esmolas, nhor sim. Sou um pobre cego desvalido, com mulher e dez filhos: esta é a mais velha.

O pintor examinou-o então. Elle tinha de facto uma como cataracta. Seria cego? E os seus movimentos celeres de dança antes que houvesse percebido os viajantes? Era um explorador, sem duvida, como tantos outros que lá iam, pensava o Chagas; um desprotegido da sorte tambem, andrajoso e faminto e com aquella nevoa que se lhe não obstruia a visão, impedia-o em parte de se entregar ao labor. E si a numerosa prole não fosse, como a cegueira, uma farça, era bem natural a humilhante profissão. Considerava no intimo a impotencia da caridade para sanar todos os males e as injustiças a que dá margem por vezes desviando para o hypocrita o obulo recusado ao verdadeiro indigente. Matar o capital, destruir a propriedade aniquilando assim o parasitismo e a exploradora mendicidade – era o seu sonho. Esta igualdade na lucta pela vida não ousava, porém, doutrinar temendo a indignação da sociedade assim ferida em sua base.

Laura fitava a criança, o guia do cego. Pobre sêr sacudido pelos tufões da sorte! No rosto pallido, esqueletico, tinha já impressas as devastações da miseria! O corpo rachitico onde a puberdade persistia em não se abrir, mal acobertado por aquellas vestes rotas estava a implorar compaixão e o proprio sorriso com que agradecia o affectuoso olhar era tão triste que a moça não poude resistir.

— Dá esmola á criança, Senna.

O bacharel obedeceu arremessando-lhe umas moedas de nickel, que ella panhou com avidez de pobre.

— Senhor Bom Jesus que o acompanhe, nhônhô. Nossa Senhora da Piedade que lhe dê boa sorte, nhãnhã! — exclamou o cego com a sua voz lamentosa de mendigo emquanto estendia avidamente as mãos á pequena para que lhe désse a offerenda.

Ella escondera uma moeda no seio, mas o cego, percebendo-lhe o gesto, disse a meia voz, rapidamente:

— Passa a outra! anda, diabinha.

E a misera, com a agonia do pobre roubado no escasso bem, deu-lhe o ultimo nickel.

O Chagas, apanhando toda a scena, sentira uma revolta subita contra a ganancia do mendigo; mas não protestou si quer, reconhecendo nullo qualquer esforço, sentindo ainda mais profundamente o quanto é vã a caridade desviando se da diretriz que lhe damos ou tocando em pontos que a desvirtuam. *(Continúa).*

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi

PADRE FRANCISCO BIGLIAZZI

Primeiras impressões

Ha seminaristas assás vivos, com olhinhos espertos, que a todo instante têm vontade de rir e de brincar, e não faltam aquelles que ou lêm os livros escolares para preparar as lições, ou atiram bolas de papel ao nariz dos collegas, e que acabam por attingirem a barba de S. José ou a corôa da Virgem, expostos no altar. Conheci seminaristas que durante a missa e as orações não receiavam escrever bilhetes amorosos, passados depois das mãos dos criados ás de formosas moças.

Direi mais: um seminarista ousou dizer-me estas precisas palavras: «Tambem tu és dos nossos? Bravo! Iremos ao inferno juntos.»

Ao findar as orações, um sacerdote, quasi sempre o favorito do director, celebra a missa, e depois manda meditar sobre as virtudes de S. Luiz Gonzaga, protector da juventude, por muitas razões que se não podem dizer fraca e doentia, e sobre as de S. Thomaz de Aquino, que protege a castidade forçada, devida á precoce e senil impotencia.

Tempo precioso aquelle da meditação, que permitte lembrar a namorada distante, deixada no lugar nativo ao avisinhar-se o tepido setembro, mez em que devemos tornar ao seminario, ou ao que se servirá na refeição, geralmente bastante frugal.

18 de março — Tenho travado muitas relações, mas ainda não encontrei uma sincera alma neste pequeno exercito de soldados do papa, que tenha sabido me comprehender.

DON FRANCISCO BIGLIAZZI—
Ex-prefeito do Seminario.

Loterias da Capital Federal

Sabbado, 18 de dezembro

500 CONTOS

Bilhete inteiro

36$000

Sabbado, 18 de dezembro

Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

Ecos da agitação pró-Ferrer

FAXINA

Os frades hespanhóes de Faxina, uns indecentes pulhas expulsos das Filippinas e estabulados neste grande paiz, distribuiram um boletim que termina assim:

«Diante da exposição que tendes ante vossos olhos, quem ousará apregoar que o bandido Ferrer fosse um homem de bem? Quem tal fizer e approvar o seu proceder dá prova de ser tão indigno como Ferrer, e não ter o menor conhecimento dos factos que se desenrolaram na Hespanha. Abaixo, portanto, a ignorancia e os agitadores.»

A exposição era um artigo do *Jornal do Commercio* contendo uns disparates já rebatidos.

E o recurso de chamar de ignorantes os anticlericaes e todos quantos não leem pela cartilha do padre?

E' muito bom, mas não serve. Si não fossem elles a igreja hoje ainda affirmaria que a terra é plana e persistiria a theoria geocentrica.

E são estes bestas de Faxina, frades que abusam da bondade do povo, que chamam os adversos de ignorantes!

Em compensação, na mesma cidade, o elemento emancipado, os homens livres que não contribuem para a missa que engorda o padre vagabundo, distribuiram um vibrante manifesto contra o clero infame, cujas trapaças perderam a Ferrer!

Sentimos que a tyrannia do espaço nos inhiba de o reproduzir na integra.

CAMPINAS

Em nossa noticia sobre o comicio pró-Ferrer, realizado nesta cidade, deixamos involuntariamente de nos referir ao sr. Ulysses Lelot, secretario da Loja Independencia, que pronunciou um applaudidissimo discurso.

O livro de presença, que serviu na sessão publica dessa Loja, vai ser remettido á familia de Ferrer.

No salão via-se, ao fundo, sobre a columna truncada, um triangulo, tendo, em fundo branco, os dizeres: «A Francisco Ferrer, o martyr da Liberdade. Homenagem da Loj.·. Independencia.

BEBEDOURO

Em Bebedouro, segundo o testemunho insuspeito do periodico local, a commemoração de Ferrer esteve imponente. O nosso collega da *Battaglia* Orestes Ristori, apresentado pelo sr. José Tonioli, discursou durante hora e meia no Jardim Publico perante uma enorme assistencia, tendo sido applaudidissimo e recebendo, ao findar, muitos cumprimentos.

A conferencia causou funda impressão no auditorio, pois o orador, bem ao corrente dos factos, restabeleceu a verdade sobre os successos da Hespanha, vilmente adulterados pela corja de mandriões hypocritas que infelicita o mundo.

* * *

Em Uberaba realisou-se, tambem a 24 do p. p., um grande comicio de protesto contra o assassinio de Ferrer, na séde das associações Fratellanza Italiana e Unione Italiana Francesco Carrara.

Orou o sr. professor A. Carnevali.

Da mesma forma, em Rio Grande do Sul, segundo cartas recebidas, as manifestações populares contra os assassinos de Ferrer revestiram-se de imponencia, tendo sido geral a indignação.

"A LANTERNA" em Sorocaba

Tivemos por aqui, a fazer uma *razzia* nos carolas, o bispo José Pereira. Este ministro de Jesus cobrava dois mil réis de cada pessoa que chrismava, e á porta da igreja havia um sujeito que vendia os bilhetes. Tal qual como o theatro, com a differença que a peça era ruim e ninguem podia patear.—Do *Correspondente.*

Todos os perseguidos, todas as victimas do clero sem entranhas, dos governos sem escrupulos e dos capitalistas gananciosos encontrarão n'*A Lanterna* todo o apoio e defesa.

"A LANTERNA" em Santos

«Escreve-nos o sr. João de Moraes, protestando, como municipe, contra a deliberação tomada no comicio da praça Telles de se pedir aos poderes publicos que dêm o nome de Ferrer a uma das nossas ruas.

«Allega o missivista que Tiradentes foi tambem um martyr da liberdade e, entanto, ninguem se lembrou ainda de perpetuar-lhe a memoria em Santos.»

(Da *Tribuna*, de Santos).

Como brasileiro, tenho tambem o direito de dar a minha opinião sobre assumptos de interesse publico, e, por isso, em resposta á vossa carta, chamo-me ao direito de dizer que, o pedido do comicio á Camara Municipal dessa cidade, para dar a uma das suas praças o nome do immortal heróe que acaba de ser victima dos infames inimigos da luz e da verdade, é não só a justa consagração á memoria de Francisco Ferrer; mas ainda um protesto solenne do povo de Santos pela affronta feita á liberdade de pensamento e á civilisação.

E' justissima essa homenagem que se pretende prestar ao vulto do grande pensador que desapparece; esse que fica perpetuado na historia, porque legou ao mundo o traçado de uma nova estrada por onde chegaremos em bréve á méta da verdadeira civilisação.

Quanto á lembrança do nome do immortal Tiradentes, devemos reconhecer que é ella filha talvez do muito que lhe deve a sua Patria e os seus homens, mas Tiradentes não precisa ter em Santos ou em qualquer outro lugar o seu nome em praças publicas, o seu nome e os seus feitos já estão escriptos com letras de ouro nas paginas da Historia Patria; já estão no coração da Patria e de todos os brasileiros, desde o dia consagrado á sua memoria com um feriado da Republica, até o progredir da sua propria obra que assombrosamente caminha a passos de gigante para o concerto das grandes nações civilisadas.

O Brasil de hoje é a realisação dos seus sonhos e do seu mais ardoroso ideal. Tiradentes deve estar satisfeito da sua obra, porque a Republica é a consagração do seu nome; portanto, Ferrer e Tiradentes eram ambos apostolos do mesmo ideal, a liberdade.

Para finalisar, direi: o immortal Tiradentes pertence ao Brasil, pertence aos brasileiros, e Francisco Ferrer pertence á Humanidade.

M. B.

Através das publicações

Les Hommes du jour—L'intéressante publication *Les Hommes du jour* annonce sa transformation pour le 16 octobre prochain. Jusqu'ici, son succès avait été considérable grâce à la bonne tenue littéraire et artistique qui avait présidé à sa rédaction et à son illustration. En prétendant faire mieux encore, en augmentant son nombre de pages, sa collaboration, et en ouvrant des rubriques nouvelles, nul doute que se succès n'aille toujours croissant.

A partir du 16 octobre *Les Hommes du jour* paraîtront sur 12 pages, sans augmentation de prix (10 centimes), avec comme collaborateurs: VICTOR MÈRIC (Flax), A. DELLANOY, MAURICE ROBIN, GEORGES PIOCH, ELIE FAURE, FRANCIS JORDAIN, VICTOR DAVE, MIGUEL ALMERREYDA, AMÉDÉE DUNOIS, GASTON SYFFERT, R. DE MARMANDE, HARMEL, etc.

A côté de *L'Hommes du jour*, étude sur un littérateur, un artiste, un savant ou un homme politique, chaque numéro contiendra une page intérieure illustrée, une chronique sur l'événemen capital de la semaine, le compte rendu des Salons et des différents manifestations d'Art, une critique des pièces intéressantes jourées dans les principaux théâtres parisiens, une revue littéraire, des échos piquants, etc.

Les Hommes du jour paraissent tous les samedis.

Por intermedio desta redacção: 6$000 por anno.

A confissão e a moral — Um correligionario enviou-nos este opusculo, que é uma carta de Demetrio de Toledo para a *Tribuna*, de Santos, e na qual o conhecido escriptor mais uma vez verbera, com argumentos irrefutaveis, a acção deleteria, anti-moral e malefica do confissionario.

— *Boletin dol Consejo superior de salubridad*—E' uma excellente publicação mensal, redigida pelo dr. Raphael V. Castro e que surge em S. Salvador, capital da Republica desse nome.

Neste numero, que é o de maio, o dr. Emilio De Benedetti insere um interessante estudo sob o titulo «Lombroso versus Lombroso».

Gratos.

"A Lanterna" em Itatiba

Causou pessima impressão nesta cidade, ter o delegado de policia, bacharel Macedo Guimarães, ordenado ás praças de nosso destacamento para que acompanhassem a procissão do mez do Rosario, de cabeça completamente descoberta, contra expressa determinação de seus superiores.

A população desta cidade ficou pasmada da vergonhosa *carolice* de semelhante autoridade, digna de ser removida para as plagas da Hespanha, afim de occupar um lugar de honra ao lado dos que ordenaram o assassinato legal do immortal Ferrer.

O sr. Macedo Guimarães, desobedecendo a ordem do chefe da segurança publica, coisa muito natural em um paiz onde exercem cargos de responsabilidades idiotas de todo calibre, offende grosseiramente a nossa pobre e miseravel Constituição.

O actual delegado de Itatiba não conta no seio da população a menor consideração, sendo constantemente enxovalhado na praça publica, o que pode ser attestado pelas principaes pessoas da localidade.

Em nome de nossa civilisação, em nome da moral, pedimos ao exmo. dr. presidente do Estado a remoção de tão *carola* e enxovalhada autoridade.

OS LIVRES PENSADORES DE ITATIBA.

Para facilitar a propaganda vendemos numeros d'*A Lanterna* em pacotes: 100, 5$000; 50, 2$500; 20, 1$000, para que as associações adiantadas e mesmo grupos de amigos possam cotizar-se e comprar para distribuir gratuitamente.

Bilhetes e recados

Guaratinguetá— J. Muniz: Mandaremos a nota e os numeros que exige. Saudações.

Taubaté—C. Valverde: Seguiram os 20 exemplares. Muito bem! E' preciso agir. —J. B. Thomaz: Recebemos os 10$. O retrato custa 2$. Saudações.

Paraná—B. S. Paraná: Foi satisfeito o seu pedido.

Uberaba—M. Ponce: Ainda vale o seu offerecimento feito á *Folha*? Contamos com a sua boa vontade. Felicitações.

Campinas—H. Marotta: Seguiram os 20 exemplares. Devem seguir semanalmente? Saudações. — A. Pace: Quanto ao preço da assignatura, vamos escrever-lhe. Augmentamos a remessa. Recebemos o boletim.—Theomar: O jornal tem seguido regularmente. Seguiram os retratos. — J. D. Raphael: Enviamos o jornal.

Palmeiras—De bom grado acceitamos o seu offerecimento.

Rincão — F. A. Ramalho: Será publicada.

S. Paulo—M. Leite: Será publicada logo que seja possivel.—Thomaz: Recebemos e publical-o-emos. Saudações.

Ribeirão Pires— Cezar Matheos: Começamos a enviar os 20 exemplares. Saudações.

S. José dos Campos—J. F. de Andrade: Fizemos a alteração pedida.

Ribeirão Preto — F. Babiera: Seguiram os 20 exemplares. Pode pagar ao sr. José Selles. Saudações.

Guararema — J. G. Trinta: Pode mandar-nos que precisamos delles. Recebemos os 12$. Entregámos os recibos.

E. S. do Pinhal—Liga Operaria: Recebemos 10$.

Villa Americana — Sandoval: Enviamos o jornal ás pessoas indicadas. Agradecidos. — C, Cruz: Recebemos seu vale. Agradecidos.

Jundiahy—F. Martho: Continuam a seguir os mesmos exemplares. Pode acceitar a 1$ mensaes. Saudações.

Sorocaba—L. Mathias: Têm seguido os 20 exemplares.

Salto—S. Del Moro: Bravo bravo! Acceitamos o seu offerecimento. Augmentamos a remesse. Saudações.

Itú—A. Coimbra: Recebemos os 1$500. Tomamos nota da sua indicação. Agradecidos. Será publicado.

Ubatuba — J. Martins: Publical-o-emos. Saudações.

? — F. Ferrer Bueno: Recebemos e delle nos occuparemos.

Solicitam s instantemente de todos os companheiros o envio de nomes de pessoas que provavelmente assignarão *A Lanterna.*

— Então, reverendo, os meninos de *la tenra de Diogenes* pensam livremente?

— Aquillo é para lançar poeira nos olhos do povo: elles só podem pensar pelo bestunto arruinado do Bourroul!

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — **EDGARD LEUENROTH.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

Pedimos aos amigos que desejam acceitar o cargo de representantes d'*A Lanterna* em qualquer localidade do Brazil a fineza de nos escreverem, com urgencia, pelo que ficaremos immensamente gratos.

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame.*

A Lanterna acceita e publica denuncias contra o clero e contra toda e qualquer autoridade, desde que o facto seja veridico e não seja passivel de formal desmentido

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

Afim de facilitar a acquisição de obras literarias, scientificas ou de propaganda, nos propomos mandal-as vir do extrangeiro mediante pedido acompanhado da importancia, sem commissão alguma.

Para isso publicaremos breve um annuncio.

Os nossos representantes

São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios, que expontaneamente se compromettem a auxiliar *A Lanterna*:

Amparo, sr. José Mendes.
Rincão, *Pontal*, *Pitangueira* e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.
Campinas, sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.
Itatiba, sr. B. Martins.
Atibaia, dr. Olympio Paixão.
Guaratinguetá, sr. José Muniz.
Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martin Affonso, 16.
Jahú, sr. Octacilio Maciel.
Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth, rua da Alfandega, 163.
Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.
Palmeiras, sr. Adilio Ramos.
Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

ANNUNCIOS